**UMA ESCOLA INCLUSIVA NUM DIÁLOGO CONSTANTE COM ESTRATÉGIA DE ENSINAGEM INOVADORA: UTILIZAÇÃO DE FILMES NO COTIDIANO PEDAGÓGICO**

Simone Vieira Pereira Santos1 –simonnysantos@outlook.com

(Autor(a) do Artigo)

Dr. Ana Cecilia Teixeira

(orientadora) aceciliateixeira@uol.com.br

Universidade São Marcos - SP

**RESUMO**

Aborda a história do aluno com deficiência e como é inserida socialmente, desde os primórdios. Contempla os direitos das pessoas deficiêntes e destaca um tópico deste estudo para a confecção de uma linha do tempo proposto. Ressalta a relevância de qualificar docentes para a educação inclusiva. Colabora com uma lista de obras de curta metragem que dialogam com a inclusão e promovem a aprendizagem em várias situações de deficiência. Enumera estratégias de ensinagem para que docentes se qualifiquem melhor.

Palavras-Chave: Educação Inclusiva. Diálogo. Inovação. Estratégias de ensinagem.

**ABSTRACT**

It addresses the history of the disabled student and how it is inserted socially, from the earliest days. It covers the rights of disabled people and highlights a topic of this study for the creation of a proposed timeline. It highlights the relevance of qualifying teachers for inclusive education. Collaborates with a list of short films that dialogue with inclusion and promote learning in various situations of disability. It lists teaching strategies so that teachers are better qualified

**Keywords**: Inclusive Education. Dialogue. Innovation. Teaching Strategies.

# 1 INTRODUÇÃO

Não há dúvidas que no decorrer da história da humanidade a criança deficiente foi tratada como um ser estranho absolutamente estranho, quase monstruoso, submetido ao abandono ou ao infanticídio. Muito embora não seja possível afirmar, devido a inexistência de registros, acredita-se que na pré-história as pessoas deficientes eram abandonadas à própria sorte.

Não podendo acompanhar os demais membros de sua tribo – com sua presença colocando a segurança de todos os demais sob risco, além de fazer com que um membro produtivo daquele grupo ficasse sobrecarregado com as funções de alguém não produtivo – os deficientes muito provavelmente eram deixados para trás pelas tribos nômades (RODRIGUES, 2008). Não havia qualquer tipo de problema moral com esse tipo de decisão uma vez que tratava-se de uma necessidade optar pela sobrevivência e continuidade da tribo ao invés da assistência a outro ser que significava um peso a ser carregado.

Segundo Rodrigues (2008), na Idade Antiga esses indivíduos eram submetidos a práticas que variavam entre o abandono e a execução direta ou indireta, dependendo da sociedade na qual isso acontecia: em algumas cidades as crianças eram excluídas do convívio social, em outras elas eram abandonadas para morrerem sozinhas em lugares distantes e, em casos mais extremos, as crianças morriam afogadas após serem lançadas nos rios.

A lei das Doze Tábuas instituía durante o Império Romano que um pai poderia matar seu filho deficiente sem qualquer tipo de peso moral desde que ele chamasse cinco vizinhos para testemunhar que a criança apresentava problemas. Com o passar do tempo, por influência da Igreja Católica foram criadas na Europa e no Brasil instituições que até mantinham as crianças deficientes livres do infanticídio, mas também escondidas da sociedade e de todo o desconforto que sua presença pudesse causar. Trata-se das instituições “[...] chamadas rodas de expostos onde as crianças eram colocadas e as religiosas as recolhiam. Essas religiosas proporcionavam alimentação, educação e todos os cuidados que necessitassem” (FERNANDES; SCHLESENER; MOSQUERA, 2011, p. 135).

Apesar da mudança na forma de ver e tratar as crianças deficientes ainda havia uma forte tendência entre os religiosos em enxergar uma criança deficiente como possessão demoníaca ou mesmo como um castigo aplicado por Deus pelos pecados cometidos por seus pais. Com a ascensão da burguesia a como classe dominante começou a mudar um pouco essa concepção. No entanto, devido a necessidade de afirmação dessa classe a deficiência deixa de ser um problema moral ou teológico passando a se tornar um problema médico, sanitarista que precisava ser resolvido, porque colocava em risco um ritmo produtivo que vinha se consolidando. E isso encontrou eco no Brasil uma vez que durante algumas décadas, especialmente 1920 e 1930, foram adotados em território brasileiro a esterilização e a segregação dos deficientes.

Em alguns casos, sob a alcunha do movimento conhecido como Higienismo – que tinha o intuito de gerar uma raça de brasileiros com características físicas e mentais aptos para o trabalho – até a regulamentação, a combinação e a orientação dos casamentos era feita, pois era preciso evitar que fosse gerado qualquer indivíduo deficiente física ou mentalmente (GÓIS JUNIOR, 2005).

Como é possível perceber na Idade Contemporânea a deficiência passou a ser vista de maneira diferente devido ao conhecimento derivado do desenvolvimento da medicina, mas é a partir dos conhecimentos desenvolvidos por meio das intervenções realizadas por Pestallozzi, Froebel e Montessori com as pessoas deficientes que a educação para esse público passou a avançar pedagogicamente (ANDRADE, 2010).

Levando-se em conta os avanços que tivemos na elaboração de legislações e na tomada de ações políticas que garantem direitos e fundamentam a Educação em Direitos Humanos no Brasil e no mundo, é inegável que a condição do deficiente tem melhorado bastante, mas ainda há muito por ser feito para que possamos criar uma sociedade realmente inclusiva. Até porque em uma sociedade verdadeiramente inclusiva não haveria qualquer necessidade de se discutir o conceito de inclusão. Como foi tocado na questão da legislação considero importante dedicar um capítulo deste texto para passar, ainda que brevemente, pela legislação mediante a qual atribuímos direta ou indiretamente algum direito às pessoas com alguma Necessidade Educacional Especial (NEE).

# 2 UM POUCO DE HISTÓRIA: SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS DEFICIENTES NO DECORRER DOS TEMPOS

Sendo interesse desta seção abordar sobre os direitos das pessoas com NEE’s que foram sendo construídos no decorrer da história vale dar destaque para algumas das legislações que contribuíram paulatinamente com a melhora da condição de vida das pessoas com deficiência. Cronologicamente é preciso citar primeiramente a "Declaração Universal dos Direitos Humanos” da ONU (1948), que em seu Artigo 2º assinala que:

Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Uma década depois é publicada a "Declaração dos Direitos da Criança" (1959), documento no qual são reafirmados muitos dos direitos dispostos pela “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (1948) como por exemplo o Princípio 1.º que determina que:

A criança gozará dos direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos serão reconhecidos a todas as crianças sem discriminação alguma, independentemente de qualquer consideração de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou outra da criança, ou da sua família, da sua origem nacional ou social, fortuna, nascimento ou de qualquer outra situação (DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA, 1959, p. 1).

Digno de destaque é o fato de ser esse o primeiro documento internacional no qual a preocupação com as pessoas com deficiência aparece textualmente, como é possível verificar no Princípio 5.º que orienta que “A criança mental e fisicamente deficiente ou que sofra de alguma diminuição social, deve beneficiar de tratamento, da educação e dos cuidados especiais requeridos pela sua particular condição”.

Nossa Constituição Federal (1988) também aponta o direito à não discriminação de todas as pessoas como é possível perceber em seu Artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”. Ainda na Constituição brasileira está prevista a obrigação do Estado em fornecer educação para as pessoas com deficiência como podemos ver no artigo 208: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino [...]”.

Mas o grande, talvez o maior, marco da educação especial seja a "Declaração de Salamanca" (1994), uma vez que muitos avanços foram obtidos nos campos da educação especial e da inclusão desde a criação e publicação da mesma. Vale destacar que essa declaração correspondeu a uma importante iniciativa que envolveu 5 organizações internacionais e 92 países e veio para reafirmar o direito à educação de todas as pessoas tal como já havia sido preconizado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

As pessoas que subscrevem o referido documento assumem o seguinte:

[...] reafirmamos, por este meio, o nosso compromisso em prol da Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e a urgência de garantir a educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educativas especiais no quadro do sistema regular de educação [...] (p. VIII).

Anos depois percebemos a criação de outras legislações nacionais complementares para melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência como a "Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000" que em seu Artigo 1º determina:

Esta Lei estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação.

Em 2008 foi publicado o "Decreto nº 6.571" que anos depois foi substituído pelo "Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011" que também veio a dispor sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e deu outras providências sobre o assunto. Como legislações mais recentes podemos citar: a promulgação da “**Lei nº 12.796 de 2013” (BRASIL, 2013) que alterou a** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) determinando, dentre outras questões, **que o atendimento** educacional especializado deveria ser gratuito e ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino e a criação do “Estatuto da Pessoa com Deficiência”, **Lei 13.146 de 6 de julho de 2015 (BRASIL, 2015), que impediu a partir do início do ano letivo de 2016 que as escolas privadas cobrassem qualquer valor adicional ao atenderem alunos com qualquer tipo de deficiência, síndrome ou transtorno.**

**Muitas são as legislações e enorme a importância de cada uma delas. Mas para fins do presente texto retomarei a** Declaração de Salamanca (1994) focando em algumas referências que são feitas nesse documento à **formação de professores** de maneira a apontar, em meu ponto de vista, **a grande importância dessa temática para a educação inclusiva**.

Já no princípio do documento encontramos um pedido direcionado aos governantes de todos os países:

Apelamos a todos os governos e incitamo-los a:

[...] garantir que, no contexto duma mudança sistémica, os programas de formação de professores, tanto a nível inicial como em-serviço, incluam as respostas às necessidades educativas especiais nas escolas inclusivas (p. VIII).

Como é possível perceber os signatários da Declaração de Salamanca chamam todos os demais governos (e os seus próprios) a realizarem significativas mudanças na formação dos professores, com especial destaque para a formação continuada que vem a ocorrer após a formação inicial realizada pelos professores nas universidades e faculdades. Pois se atualmente existem diversas disciplinas nos currículos das Instituições de Ensino Superior (IES) que tematizam e problematizam a educação especial e a condição dos alunos com NEE’s, o mesmo não se pode dizer de todos os currículos por meio dos quais os professores eram formados antes e mesmo algum tempo depois da publicação da referida declaração.

A Declaração de Salamanca (1994, p. 28) também mostra alguns obstáculos que devem ser superados:

O maior desafio consiste em organizar formação-em-serviço para todos os professores, tendo em consideração as diversas e, muitas vezes, difíceis condições em que trabalham. A formação-em-serviço deverá realizar-se, sempre que possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiado pela formação à distância e outras formas de autoformação.

Neste item a formação em serviço aparece com um grande desafio que precisa ser superado uma vez que muitos professores não possuem interesse nesse tipo de formação. Isso pode se dever a diversos fatores que podemos encontrar tanto isolados, quanto em conjunto como. A seguir listaremos alguns dentre os quais identifico como mais importantes:

A falta de tempo para estudos: com uma jornada extenuante, trabalhando dois, as vezes três turnos por dia é difícil que o professor consiga ter a mínima disposição para estudar alguma coisa. A falta de incentivo das instituições de ensino que não criam a logística necessária para a formação em serviço, que as vezes fica restrita aos 30 minutos finais do dia de trabalho, ou mesmo das redes de ensino, que em sua maioria não apresentam um plano de cargos e salários atrativo que faça com que o professor se dedique para algo que ele será reconhecido financeiramente se optar em participar. Os baixos salários destinados aos professores em geral que fazem com que muitos especialistas em educação especial das escolas regulares prefiram migrar para as escolas especializadas, com melhores recursos. E também a falta de reconhecimento da parte dos pares de trabalho que dificilmente reconhecem o trabalho realizado com o aluno especial na escola.

A partir de toda a discussão até aqui realizada não é difícil compreender que a Declaração de Salamanca (1994, p. 28) aponte que

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel-chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adoptada uma formação inicial não categorizada, abarcando todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas (1994, p. 28).

Diante do exposto venho propor a utilização de filmes que tematizam a condição das pessoas com NEE na formação em serviço dos professores de maneira a criar uma formação continuada mais prazerosa e possível de ser realizada até mesmo, ao menos uma parte, fora da escola se preciso.

# 3 CINEMA E EDUCAÇÃO ESPECIAL: SOBRE O PORQUÊ DE SE CONSTRUIR UMA FORMAÇÃO CONTINUADA PRAZEROSA E COM SENTIDO PARA OS PROFESSORES

Fresquet (2013, p. 19), que escreveu um belíssimo livro na qual a autora nos apresenta a possibilidade de se utilizar de obras cinematográficas na formação de professores e alunos da Educação Básica nos diz que

“A tela de cinema (ou visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e com si próprio [...]”.

Napolitano (2003, p. 11-12) acredita que

[...] Trabalhar com o cinema em sala de aula é aju­dar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideo­logia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibi­lidade para o trabalho escolar [...].

Na opinião de Botelho (2014, p. 15) a grande importância do uso de obras cinematográficas pelos docentes reside no fato de que “O professor em formação ao se relacionar com o cinema de determinadas maneiras, forma-se não somente a si próprio, mas, adquire conhecimento passível de ser trabalhado futuramente”.

Duarte (2002, p. 83) defende que “[...] temos muito mais a ganhar se assumir­mos a prática de ver filmes como parceira na transmissão de conhecimentos do que como rival das atividades que definimos como verdadeiramente educativas [...]”. Novamente Botelho (2014, p. 17) ressalta que “Trabalhar esse universo com futuros educadores se apresenta como uma poderosa ferramenta a caminho de uma educação mais abrangente e humanizada”.

Partindo dessa ideia acrescento a possibilidade de se trabalhar com obras cinematográficas também com os professores já formados e que se encontram nas escolas trabalhando com alunos com NEE e para prepará-los ao trabalho com outras deficiências que porventura eles não tenham trabalhado ainda. Sem falar na necessidade que muitas vezes se apresenta de trabalharmos com nossos alunos na Educação Básica algumas maneiras de sensibilizá-los quanto às limitações de seus colegas de classe.

Poderíamos listar uma série de autores que apontam para a possibilidade da utilização de obras cinematográficas na formação de professores, seja ela inicial ou continuada e também na formação dos alunos da escola básica. Mas como o objetivo deste texto é apresentar apenas a possibilidade do uso de filmes na educação de professores e alunos, partirei para apresentar algumas obras que podem ser trabalhadas na formação dos professores e com qual objetivo.

# 4 ALGUMAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS E SUAS TEMÁTICAS ESPECÍFICAS

Se fizermos uma pesquisa simples em qualquer *site* de busca será possível encontrar mais de uma centena de obras que tematizam direta ou mesmo indiretamente alguma deficiência e que poderiam facilmente ser abordadas neste texto. No entanto, não é meu objetivo apresentar uma infinitude de obras ao leitor, mas sim tratar das possibilidades do uso de algumas delas para os professores conseguirem aprender um pouco mais sobre algumas deficiências pouco conhecidas por eles.

Serão apresentadas tanto obras de curta-metragem, quanto de longa-metragem que já tive a oportunidade de assistir. Vamos às temáticas que podem ser abordadas e suas respectivas obras.

# 4.1 DEFICIÊNCIA MENTAL

Uma obra que tematiza muito bem a deficiência mental e que apresenta que a diferença entre a inclusão e a exclusão, o sucesso e o insucesso, a autonomia e a dependência dos outros é “Meu nome é Rádio” (2003). Neste filme o técnico de um time de futebol americano cria uma bonita amizade com um jovem mais “lento” após ele sofrer com brincadeiras de mau gosto de alguns atletas da equipe comandada por ele. Estrelado por *Cuba Gooding Jr.*, que vive o personagem Rádio, o filme demonstra que o simples fato de receber uma oportunidade e ser estimado por alguém que enxerga para além de sua deficiência pode ser o diferencial na vida das pessoas com alguma deficiência intelectual. Diante dessa amizade o técnico passa a ter que enfrentar o preconceito de algumas pessoas que o questionam se ele está comprometido em levar seu time para o título do campeonato ou se não está se desconcentrando com Rádio.

Outro filme importante na temática da deficiência mental é “O Solista” (2009). Baseado em uma história real ele narra a vida de Steve Lopez, colunista do jornal *Los Angeles Times*, interpretado por Robert Downey Jr e seu súbito interesse em ajudar Nathaniel Ayres, interpretado por Jamie Foxx, que é um mendigo talentoso que vive nas ruas e toca um violino com apenas duas cordas. Ex-aluno de uma conceituada escola de música americana Nathaniel Ayres passa a viver nas ruas por sofrer de esquizofrenia. Ele e o jornalista Steve Lopez criam laços e vivem uma história cheia de altos e baixos que é contada em sua coluna no jornal e passa a inspirar seus leitores. O filme traz como mensagem de que a vida das pessoas com esse tipo de deficiência mental apresenta diversas dificuldades, mas que com um pouco de carinho, compreensão e tratamento é possível melhorar a qualidade de vida dessas pessoas e, por vezes, melhorar até mesmo o propósito e o sentido de nossas vidas enquanto educadores.

# 4.2 SÍNDROME DE DOWN

Filme nacional interpretado por Marcos Veras “O Filho Eterno” (2016) apresenta os desafios e as angústias de um pai de uma criança com NEE quando, em meados de 1980, descobre que seu filho possui síndrome de Down, uma década na qual não haviam informações sobre essa deficiência igual dispomos hoje. Um período no qual expressões como mongol e retardado eram extremamente aceitáveis e bastante usados para caracterizar quem era Down. Essa obra possui o mérito de apresentar uma história real, adaptada para as telas e inspirada no livro homônimo do filme escrito por Cristovão Tezza que foi quem passou na vida real da expectativa de ser pai de um menino típico para a realidade de ter um filho recém-nascido com limitações e com um mundo a desbravar.

O filme apresenta alguns dos desafios enfrentados pelos pais de crianças com síndrome de Down desde o relacionamento familiar até sua relação com o trabalho que podem acabar ficando em xeque. Essa obra consegue transmitir a beleza e principalmente a tragédia da vida humana, especialmente o pensamento rápido do pai de que se seu filho é deficiente pelo menos as pessoas com síndrome de Down não vivem muito, cerca de 12 anos apenas naquela época.

Ele nos faz refletir sobre como a falta de informações científicas a respeito dessa e de outras deficiências muitas vezes faz a nós professores, familiares e demais pessoas a assumirmos atitudes e comportamentos baseados em preconceitos. Nesse sentido a busca por compreender a verdade a respeito das deficiências acaba sendo, a meu ver, uma importante mensagem presente e constante no filme.

Outro filme nacional “Colegas” (2012) apresenta a história de três personagens com síndrome de Down que partem em busca de realizar seus sonhos: Stalone gostaria de ver o mar, já Marcio pretende voar enquanto que Aninha quer encontrar um marido pra se casar. Vale destacar que essa obra corresponde à primeira protagonizada por atores com síndrome de Down no Brasil.

Trata-se de uma comédia-aventura na qual a leveza e a beleza da vida humana são apresentadas em um enredo cheio de surpresas, confusões e garantia de muita gargalhada. O filme possui a sagacidade de apresentar a síndrome de Down em sua cotidianidade, tal qual conhecemos atualmente e servindo de contraponto ao filme “O Filho Eterno” (2016), possibilitando assim discussões muito pertinentes a respeito dessa síndrome.

# 4.3 AUTISMO

Também baseado em uma história real o filme “Temple Grandin” (2010) conta a vida da autista Temple Grandin, uma menina que luta para viver em uma sociedade na qual ela aparentemente não se encaixa devido a suas dificuldades em interagir com as pessoas: limitação típica das pessoas que se encontram dentro do espectro autista.

Apesar de tratar da biografia de alguém com autismo leve – condição que, ao contrário das pessoas com um grau de comprometimento maior, permite a realização de uma série de medidas para auxiliar essas pessoas para serem incluídas em nossa sociedade – o filme possui a beleza de demonstrar que a paciência de uma mãe amorosa que jamais desistiu de sua filha e a ação diligente e paciente de um professor que viu muito mais nela do que seu transtorno podem fazer a diferença na vida das pessoas com NEE.

Também chama nossa atenção o papel que Temple assumiu no filme e na vida. Trata-se da abertura de um canal de interlocução das pessoas com aqueles que querem ajudá-las. Ato esse que deveria ser muito mais comum do que tem sido realizado com pessoas com algum tipo de deficiência, uma vez que infelizmente é muito mais comum que queiramos falar e fazer algo pelas pessoas com NEE do que permitir que eles falem por si mesmos e que realizem suas escolhas.

A beleza do filme está em demonstrar a história real de uma pessoa com sérias limitações no campo da interação humana que usa de sua diferente maneira de perceber o mundo para transformar a indústria agropecuária americana. Com um modo peculiar de enxergar os estímulos ao seu redor ela passa a compreender como o gado se comporta e cria um processo no qual os bovinos são abatidos sem crueldade e sem o estresse que era bastante comum, o que acaba por melhorar a qualidade do produto para o consumidor final de carne.

# 4.4 DEFICIÊNCIA FÍSICA

O clássico “Óleo de Lorenzo” (1992) conta a história de dois pais que se veem atordoados por descobrirem que seu filho possui uma rara doença rara, incurável, a adenoleucodistrofia (ADL), uma doença causada pelo destruimento da bainha de mielina, que é responsável pela transmissão de impulsos elétricos responsáveis por nossos estímulos nervosos.

Para além dos dramas e dos sentimentos vividos por atores e para nós transmitido o filme traz uma bonita mensagem. De que não devemos apenas ficar esperando respostas de especialistas para melhorar a vida das pessoas com determinado tipo de deficiência, pois é possível buscar respostas e produzir conhecimento a respeito do assunto com muita dedicação e motivação.

A animação de curta metragem intitulada Cuerdas[[1]](#footnote-1) (2013), criado por Pedro Solís Garcia, da Espanha é um excelente filme de curta duração para ser trabalhado na escola entre professores e alunos. Quem porventura duvide do uso das animações deve se atentar para a fala de Napolitano (2003, p. 22-23), para quem “[...] é importante reiterar que o uso do cinema na sala de aula (incluindo os desenhos animados) não é uma atividade isolada em si mesma, podendo estimular outros tipos de aprendizado de con­teúdos, habilidades e conceitos.

Inspirado na história real de Nicholás, filho de Pedro Solís Garcia, o curta nos brinda com muitas emoções e é bem difícil não cair alguma lágrima após assistí-lo. Nele vemos Maria, uma menina muito curiosa, inventiva, delicada e sensível se aproximar de um menino com paralisia cerebral com enormes limitações físicas e de linguagem.

Inconformada por ele ficar apenas em seu canto Maria faz de tudo para incluir seu agora grande amigo de classe. Bate corda e o faz passar com sua cadeira de rodas por cima da mesma, amarra uma corda em seu pé e o faz “chutar” uma bola que ela faz com que alcance o gol, puxa a cadeira de rodas com auxílio da corda para que ele a “encontre” no pique esconde.

Não demora para que Maria seja vista como “estranha” pelos outros colegas por viajar pelo mundo com seu amigo. Mas para ela não importa nada além de sua amizade. Conta histórias, amarra seus punhos com os de seu amigo para ele “fazer exercícios”, canta algumas cantigas para ele, enfim, faz de tudo para melhorar a qualidade de vida de seu amiguinho. Um dia ele vem a óbito e apesar da grande tristeza vinte anos depois Maria surge em uma escola para ser professora de educação espacial.

O mais marcante para mim nesse curta é o momento que aquele menino aparentemente inerte ao mundo imagina que está dançando no salão com Maria, mostrando que muitos dos paralisados cerebrais apresentam uma impressionante atividade cerebral apesar de sua aparência física. Trata-se de um curta que pode ser trabalhado tanto com os alunos, quanto com os professores para sensibilizá-los sobre a importância de olhar para as possibilidades e não apenas para as impossibilidades das pessoas com NEE em nossa sociedade.

# 4.5 DEFICIÊNCIA VISUAL

O longa “Vermelho como o Céu” (2006) narra a história real de Mirco Mencacci, um menino apaixonado por cinema que sofre um acidente aos 10 anos por volta dos anos 1970 e perde a maior parte de sua visão para sempre. Obrigado a estudar em uma escola que internava e treinava meninos deficientes visuais apenas para realizar trabalhos manuais Mirco descobre outro sentido para sua vida ao descobrir ser possível usar um velho gravador para construir histórias e para editar sons. Mas não sem antes passar pela fase da revolta na qual Mirco recusava-se até mesmo a aprender o braile.

Por meio da ação paciente de um de seus professores, que entende a revolta momentânea por qual ele passa, Mirco finalmente se anima em realizar um trabalho mediante a qual ele poderia se utilizar de sua paixão pelo cinema. Os problemas começam com o diretor do internato, outro deficiente visual, que não acreditava que os cegos pudessem exercer atividades que não fossem os trabalhos manuais. Após novo incentivo do professor Mirco começa a aprender o braile e a mudar de vez sua vida e a de seus colegas no internato.

Ao descobrir que Mirco estava desobedecendo algumas regras do internato como sair do internato por uma passagem escondida, levar alguns de seus colegas para o cinema e participar de protestos políticos com um ex-aluno do internato, o diretor decide expulsá-lo gerando uma enorme repercussão na cidade para que ele seja readmitido na escola. Após muita pressão Mirco é readmitido e o diretor é exonerado.

O mais bacana dessa história real é que Mirco é hoje um importante editor de som, um dos grandes responsáveis pela criação da vídeo descrição, um recurso muito adotada como apoio atualmente na educação e na melhoria de vida dos deficientes visuais. O filme conta uma história de adaptação e superação de um menino deficiente visual e de seu professor que viram muito mais do que a deficiência de Mirco, servindo assim de inspiração para pessoas com e sem alguma NEE, professores e alunos.

Já o filme “A Cor do Paraíso” (1999) conta a história de Mohammad, um jovem cego de oito anos de Teerã, no Irã, que estuda em uma escola especial na modalidade de internato longe de sua casa. Na chegada das férias ele acaba tendo que passar um tempo com sua família, mas seu pai fica receoso pois após a morte de sua esposa não tem a menor ideia de como cuidar do menino. Para piorar seu pai pretende casar-se de novo e decide manter seu filho escondido para não atrapalhar seus planos de casar-se novamente, uma vez que um filho cego corresponderia a um peso a ser carregado que provavelmente uma nova esposa não gostaria de carregar.

Carinho Mohammad só encontra na parte feminina da família que conta com sua avó e irmãs. O pai o proíbe de ir estudar na escola comum e fica furioso ao ver que sua vó o levou certa vez. Para piorar a situação do pai o menino estava muito mais avançado nos estudos do que as demais crianças da vila e isso faria com que o segredo de seu pai fosse descoberto. Vendo que não conseguiria manter seu filho escondido o pai decide mandar Mohammad para ser aprendiz de um carpinteiro também cego. Inconformada sua avó cai em depressão e acaba morrendo de tristeza. A noiva de seu pai considera isso um mal presságio e cancela seu noivado.

Diante do fim de seu noivado o pai de Mohammad decide buscar seu filho para trazê-lo para casa, mas após tropeçar no trajeto para casa Mohammad cai em um córrego muito agitado. Após uma hesitação inicial se tentava ou não salvar seu filho o pai pula atrás do menino e só consegue alcançá-lo já em uma praia. Desesperado ao ver seu filho semimorto no colo o filme termina quando Mohammad mexe sua mão indicando que ele havia sobrevivido, dando assim ao seu pai segunda chance para amar e cuidar dele. O filme apresenta uma belíssima reflexão relacionada aos preconceitos que, muitas vezes sem saber, apresentamos para as pessoas com alguma deficiência.

# 4.6 SURDEZ

O filme “A Música e o Silêncio” (1996) apresenta a história de Lara, filha de um casal de pais surdos, e que possui um enorme talento musical. Ela sonha em seguir carreira tocando e passa pelo dilema de sair de casa e abandonar seus pais. Lara vive todos esses conflitos e uma dubiedade de sentimentos. Um exemplo claro da importância dela para seus pais aparece logo no início do filme quando ela vai para a cama dos pais com medo de uma tempestade que traz trovões assustadores. Ao cair um raio o pai comenta com ela que deve ter feito muito barulho e ela comenta que os raios são silenciosos, mas que os trovões fazem enorme barulho. O pai lhe pergunta então: o que faríamos sem os seus ouvidos?

Lara corresponde ao único meio de comunicação sonora de seus pais com o mundo. Ela atende o telefone, vai com eles ao banco conversar com o gerente de investimentos, ouve se o rádio que seu pai está consertando está emitindo sons, transmite as falas dos filmes para sua mãe, enfim, conversa com outras pessoas que não dominam a linguagem de sinais para traduzir para seus pais. Um dia ela é cobrada pela professora por não ter praticado a leitura como dever de casa enviado e não ter conseguido ler com desenvoltura. Um dos alunos cruelmente debocha da condição de seus pais ao comentar que ela deve ter lido em casa para o pai (surdo) e que ele deve ter achado que estava ótimo.

Clarissa, uma tia sua lhe presenteia com uma clarineta e ela começa a tocar na orquestra da escola. Seu pai começa a se queixar dela por estar se dedicando demais a aprendizagem do instrumento e prejudicando a escola, mas ela questiona que antes de tocar clarinete seu desempenho era até pior e que seus pais não estavam preocupados com isso. Pois segundo ela o que seu pai queria era impedi-la de tocar o instrumento. De fato ele temia “perdê-la” para o mundo.

No dia do nascimento de sua irmã Lara descobre que seu pai tinha problemas com sua tia Clarice porque havia começado a rir, por puro ciúmes, quando ela tocava em uma festa com seu avó para algumas dezenas de pessoas. Seu avó, pai de seu pai e de Clarice havia o arrancado da sala agarrado pela gola da camisa e trancado no quarto para não atrapalhar a apresentação. Ela só não traduz perfeitamente quando seus pais vão a escola, para se defender de maiores cobranças da escola e das pressões vindas de casa.

O filme dá um salto no tempo e Lara já na idade adulta é desafiada por Clarice a tentar ir para a melhor escola de música da Alemanha, em Berlim. Ela tem uma briga com seu pai que não a quer longe enquanto Clarisse diz que Lara não tem que se limitar porque seus pais são limitados. Em conversa com seu pai ele afirma que gostaria que Lara fosse surda para estar plenamente no mundo dele. Após meses fora aperfeiçoando sua arte seu pai lhe dá a notícia que a mãe morreu em um acidente de bicicleta.

Após se apaixonar por um professor de surdos e seu pai pegá-la dormindo com ele ela é expulsa de casa. É o ex-marido de Clarissa quem a ajuda dando abrigo para praticar para o exame. No dia de seu exame de admissão seu pai aparece de surpresa para vê-la tocar e eles fazem as pazes. Os avaliadores ficam surpresos com Lara tocando e o filme acaba indicando que ela conseguirá a peça.

O filme “A Música e o Silêncio” é um importante recurso para ser trabalhado entre professores devido as discussões que ele pode gerar, mas especialmente que as dificuldades de umas pessoas não devem servir de limitação para as demais progredirem na vida e a necessidade de se trabalhar a autonomia dos sujeitos com e mesmo os sem alguma NEE.

# 5 O QUE SIGNIFICA USAR O CINEMA NA FORMAÇÃO ESCOLAR E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E QUAIS ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO PODEMOS USAR?

Na seção anterior e em suas subseções foram apresentados alguns filmes de longa metragem e uma curta metragem em formato de animação que podem ser usadas por professores em sua formação continuada ou mesmo na sensibilização de seus alunos na sensibilização com alunos com NEE.

Segundo Duarte (2002, p. 19),

[...] determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional - sua natureza eminentemente pedagógica.

Mas o uso desse tipo de recurso não corresponde apenas a mera alegoria, sendo necessário a superação da maneira alegórica como muitos ainda enxergam os filmes como veremos abaixo:

[...] os meios educacionais ainda vêem o audiovisual como mero complemento de ativida­des verdadeiramente educativas, como a leitura de textos, por exemplo, ou seja, como um recurso adicional e secun­dário em relação ao processo educacional propriamente dito. Defendemos o direito de acesso amplo e universal ao conhecimento, mas não defendemos o direito de aces­so ao cinema [...] (DUARTE, 2002, p. 20).

Mas para que seja superado o uso dos filmes como alegorias ou passatempo cabe ao professor (se o trabalho estiver sendo realizado com os alunos) ou ao formador de professores (se estiver construindo uma formação continuada) ocupar o papel de mediador antes e mesmo depois de assistir ao filme como nos chama a atenção Napolitano (2003, p. 14-15):

[...] A tendência é que o aluno (e mesmo o professor) reproduza uma certa situação psicossocial trazida pela experiência na sala de projeção (ou na sala caseira de vídeo) para a sala de aula. Portanto, é preciso que o professor atue como mediador entre a obra e os alunos, ainda que ele pouco interfira na­quelas duas horas mágicas da projeção. As primeiras reações da classe podem ser de emoção ou tédio, de envolvimento ou displicência. As diferentes expectativas e experiências cotidianas dos alunos ao as­sistirem aos filmes será o primeiro passo em relação à atividade ‘ci­nema na sala de aula’. A partir desta primeira manifestação é preciso que o professor atue como mediador, não apenas preparando a classe antes do filme como também propondo desdobramentos articulados a outras atividades, fontes e temas. [...] (NAPOLITANO, 2003, p. 14-15).

Nesse sentido não basta recorrer apenas ao filme. Quem for coordenar o debate, quem fizer a mediação deve estar muito bem fundamentado não apenas do contexto de criação da obra assistida, mas principalmente de todo o conhecimento científico disponível e confiável a respeito da temática em questão. Pois é preciso ampliar os conhecimentos das pessoas que venham a assistir e discutir as obras.

Novamente recorrendo a Napolitano (2003, p. 31), é preciso estar atento que os assuntos retratados nos filmes não correspondem a verdades absolutas e científicas pois,

[...] Normalmente, a abordagem do documentário se dá pelo conteúdo que ele veicula, como se fosse um olhar verdadeiro e científico sobre o tema ou questão retratada. Por mais que os documentários sejam fru­tos de trabalhos aprofundados e sérios, contando em muitos casos com assessorias pedagógicas competentes, o professor deve evitar partir do princípio que a abordagem dada pelo documentário é a única possível ao tema retratado ou que o conteúdo mostrado é a realidade social ou a verdade científica sobre o assunto. O documentário, mesmo o mais didático e voltado para o público escolar, é um gênero de filme que implica um conjunto de regras de linguagem para a elaboração do ro­teiro, técnicas de filmagem, princípios de montagem e edição, ou seja, implica um conjunto de escolhas dos profissionais envolvidos na sua realização (até porque seria impossível uma abordagem totalitária e unívoca de um problema social ou fenômeno natural). Portanto, o pro­fessor deve saber reconhecer essas escolhas por meio do próprio pro­duto final e apontar controvérsias, interpretações diferentes, proble­mas não aprofundados, enfim, todas as questões que o documentário em questão não abordou. Isto não significa retirar o mérito dos realiza­dores do filme ou desqualificá-lo. Apenas reforçamos a necessidade de o professor se preparar para atuar como mediador dos filmes exibi­dos, mesmo que eles sejam documentários sérios e aprofundados. [...] (NAPOLITANO, 2003, p.31).

Em outras palavras a utilização dos filmes é muito importante e deve ser usada, desde que não seja tomado de maneira absoluta. Os filmes podem contribuir desde que eles sejam aprofundados e se deles forem retirados questões que possam influenciar a vida e a prática cotidiana de professores e alunos. Até porque tenho a consciência de que “[...] o significado das mensagens [expostas em um filme] seja produto muito mais de uma interação entre produtor e receptor do que da imposição de sentidos de um sobre o outro [...]” (DUARTE, 2002, p. 65).

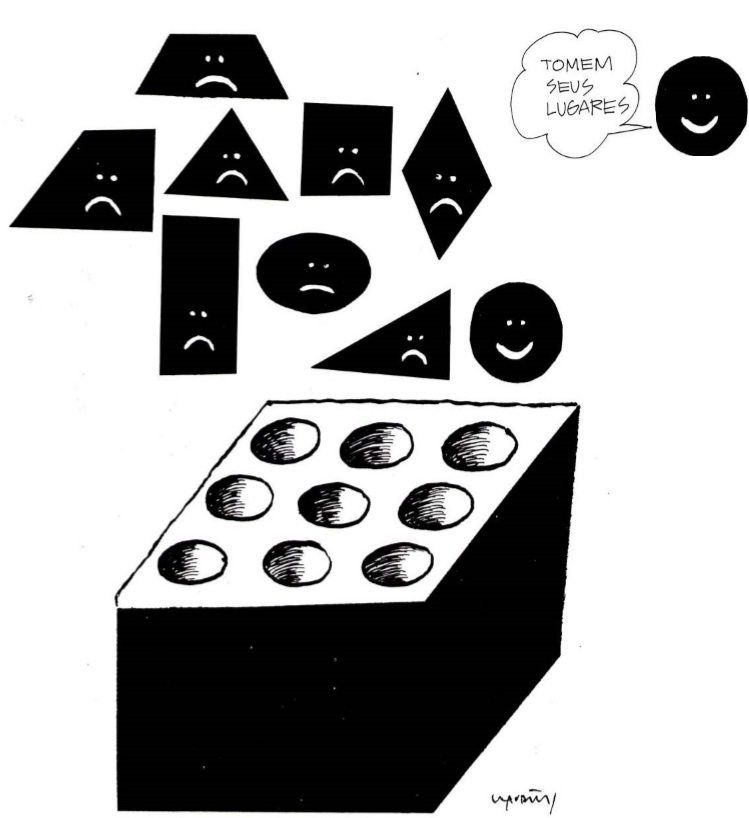
Como verificação da aprendizagem dos mesmos sugiro desde instrumentos de avaliação mais conservadores como a criação de seminários, produção de redações e a realização de aulas expositivas até instrumentos menos tradicionais como a produção de desenhos e de mapas cognitivos que devem ser explicados e expostos aos demais para que eles possam compreender o eu cada um entendeu sobre o que foi discutido a partir do filme.

# 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível perceber o cinema é um potente recurso que pode ser utilizado tanto na formação de professores, quanto na sensibilização e conscientização de professores e alunos. Mas para que isso dê certo, é preciso avançar e não ficar usando os filmes como mera alegoria, mas sim como um importante recurso capaz de ser mais um contribuinte na ampliação do saber de professores e alunos e também na sensibilização desses sujeitos em relação aos alunos com alguma NEE.

Gostaria muito que o tipo de análise aqui realizado não morresse com esta obra, sendo necessário para tanto que novos e mais aprofundados estudos sejam realizados, inclusive na prática, para demonstrar o potencial que o cinema apresenta como importante recurso educativo e de sensibilização. Nesse intuito preciso, por fim, assumir meu compromisso em difundir a importância do cinema na sala de aula não apenas no campo teórico, como fiz aqui, como também no campo da prática no cotidiano escolar, tornando a escola verdadeiramente inclusiva.

Encerrarei este trabalho com uma imagem presente no livro Cuidado Escola (HARPER ET ALL, 1987), como uma maneira de denunciar que precisamos avançar muito para que a escola se torne realmente inclusiva e esteja disposta a aceitar e a trabalhar com as diferenças, ao invés de estar de braços abertos para receber os alunos padrões, no formato que alguns desejariam.



**Figura 1 – A escola não leva em conta as diferenças.**

Fonte: Harper et all (1987, p. 72).

# REFERÊNCIAS

**A COR DO PARAÍSO**. Direção: Majid Majidi. [S.I.]: 1 DVD (90 min), 1999.

**A MÚSICA E O SILÊNCIO**. Direção: Caroline Link. [S.I.]: 1 DVD (109 min), 1996.

ANDRADE, LBP. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 2 set. 2017.

BOTELHO, M. A. **Por uma pedagogia do olhar**: o cinema brasileiro como possibilidade estética na formação inicial de professores. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2014.

**COLEGAS**. Direção: Marcelo Galvão. [S.I.]: 1 DVD (94 min), 2013.

**CUERDAS**. Direção: Pedro Solís Garcia. [S.I.]: (11 min), 2013.

**DECLARAÇÃO DE SALAMANCA**. 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

**DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA**. 1959. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\_referencia/declaracao\_universal\_direitos\_crianca.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

**DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**. 1948. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

DUARTE, R. **Cinema & educação**: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERNANDES, L. B.; SCHLESENER, A.; MOSQUERA, C. Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v. 2, p.132-144. 2011.

FRESQUET, A. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GOIS JÚNIOR, E. . Higienismo. In: Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 227-228.

HARPER, B. et all. **Cuidado, escola!** Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 24. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

**MEU NOME é Rádio**. Direção: Michael Tollin. [S.I.]: 1 DVD (109 min), 2003.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

**O FILHO ETERNO**. Direção: Paulo Machline. [S.I.]: 1 DVD (90 min), 2016.

**O ÓLEO DE LORENZO**. Direção: George Miller. [S.I.]: 1 DVD (129 min), 1992.

**O SOLISTA**. Direção: Joe Wright. [S.I.]: 1 DVD (117 min), 2009.

RODRIGUES, O. M. P. R. **Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente**. Bauru: Ministério da Educação, 2008.

**TEMPLE GRANDIN**. Direção: Mick Jackson. [S.I.]: 1 DVD (109 min), 2010.

**VERMELHO COMO O CÉU**. Direção: Cristiano Bortone. [S.I.]: 1 DVD (96 min), 2006.

\_\_\_\_\_\_

1 Pós-Graduando(a) em Educação Especial pela Rede Doctum de Vitoria, 2017.

1. Cordas em espanhol. [↑](#footnote-ref-1)